

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600
Fora do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs. a linha.
Repetições..... 20 rs. a linha
Annuncios permanente 5
Folha avulsa..... 40 rs.

Moralidade

Nem todas as aposentações, ainda as mais extravagantes e prejudiciaes ao bem da nação, puderam saciar, a cohorte dos pretendentes a empregos publicos que o partido progressista trazia consigo ao subir ao poder.

A enorme avalanche que se precipita sobre os cofres do estado, arrasa as secretarias, não dá tempo aos ministros para esperarem as competentes vagas.

E' a secretaria do ministerio da Fazenda que serve de salla de espera aos pretendentes insoffridos, aos que cheios de fome não querem estar à merce das vagaturas provaveis.

N'aquella secretaria, além dos empregados necessarios, existem mais 200 que alli estão sem logar determinado; mas gosando já dos vencimentos a que não tem direito.

E' que o principio da moralidade, vago de mais torna-se elastico segundo as consciencias dos homens da situação, soffre as evoluções repentinas e urgentes ao bem do partido.

Em opposição, moralidade é um freio demasiado estreito que não permite aos adversarios a mais pequena infracção dos regulamentos, o mais insignificante favor politico: em governo, moralidade é um principio nebuloso, metaphisico que tanto se harmonisa com as gordas aposentações com pingues beneficios, denominados *conesias*, como com as accumulaciones de empregados nas secretarias.

E, porque o preço dos consolidados augmenta, segue-se que a moralidade politica é praticada na mais alta escala pelo governo.

Em quanto os consolidados subirem, a barcassa governamental correrá sempre em mar banzeiro e todos os ataques da opposição como pequenas ondas chapotando no costado, não lhe impedirão a marcha.

E' a subida dos fundos o argumento unico com que os defensores do governo respondem invariavelmente aos ataques que lhe são dirigidos.

E, contudo, se virmos um pouco mais fundo, se attendermos às circumstancias favoraveis em que ultimamente se tem realizado a gerencia progressista, havemos de ver que essa gerencia nada mais tem feito do que aproveitar a monção favoravel. E' a occasião e não a boa gerencia financeira que tem originado a subida dos fundos já prevista antes do partido progressista ter subido ao poder.

Este argumento tem tanto valor como o da maioria obtida pelo governo nas ultimas eleições.

Todos sabem como foram feitas as eleições municipaes; todos sabem a sequencia de crimes e ataques que as precederam e as acompanharam: todos viram as pressões que soffreram os concelhos em que as opposições

tractaram: todos sabem da requisição de 15:000 homens feita pelo ministerio do reino ao da guerra para... *manter livre a urna*; e apesar d'isso, os defensores do ministerio tiveram a audacia de vir apregoar que o resultado das eleições fora um voto de confiança que o paiz dava ao governo.

Estribado na boa cotação dos nossos fundos e no resultado vantajoso das eleições municipaes, o governo pode fazer todas as negociatas ruinosas, todas as aposentações para collocar a turba dos pretendentes, todas as prepotencias para vencer eleições, todas as concussões *honrosissimas* que dão em resultado o enriquecerem-se ministros que, ha pouco pobres e endividados, apparecem hoje capitalistas, mostrando a sua prodigalidades em brilhantes *chalets* edificados para passarem os tres mezes da estação calmosa.

Ninguém em 1879 e 1880 accusou qualquer dos ministros de concussão. O gabinete progressista presidido por um honrado veibo, uma sombra dea ptigo revolucionario setembrista, tinha ao leme Saraiva de Carvalho, um espirito brilhante um talento superior que se destacava da vulgaridade dos nossos politicos.

Esse gabinete não tinha apresentado no seu programma os dous principios *economias* e *moralidades*, porque julgavam desnecessario inceril-os. Esses principios pertenciam a todos os partidos e todos os governos como uma necessidade da sua existencia.

O gabinete de 1879 e 1880 viveu pouco e trabalhou muito. Apresentou reformas importantes sobre a Fazenda, procurou organizar todos os ramos d'administração, e cahiu vitima d'essas reformas, mas sem que algum tivesse a ousadia de vitimar esses ministros accusando-os de concussionarios.

Moralidade havia, economias faziam-se tambem. Nunca as secretarias se atulharam de empregados; nunca as aposentações se fizeram em tão larga escala. Os empregos não eram uma propriedade da familia; não eram um pagamento tão descarado de patifarias eleitoraes, como agora tem sido.

Os proprios progressistas accusam essa situação de inepta porque não soube saciar os esfomeados, porque não soube comprar as consciencias vemaes com empregos; e porisso hoje com o patrão Marianno ao leme, a barcassa ministerial com a bandeira bicolor—*moralidades e economias*, singra em porto amigo onde apenas pequenas ondas chapotam docemente ao longe, batendo de encontro a subidados fundos e à victoria das eleições municipaes.

POLITICA CONCELHIA

OS MANDÕES

Toda a gente sabe que os desgraçados vadios, agentes directos das arruaças, dos espancamentos a dos ataques às casas dos cidadãos, não seriam capazes de commetter tantos excessos, tantas loucuras se não tivessem sido aconselhados, espicaçados por mandões collocados tão alto que lhes assegurassem a impunidade.

Pensavam elles que uma amnistia arranjada *ad hoc* os salvaria, e que a acção da lei penal seria nulla logo que o governo quizesse. Enganaram-se e hão-de soffrer as consequencias do logro em que se deixaram cahir. A acção da lei é lenta, é morosa, mas tambem é eficaz. No momento da embriaguez, da loucura, seria impossivel o castigo, seria nulla a pena, mas passado o tempo preciso para a febre acalmar, quando a razão vem, então é que os criminosos se lembram de pedir misericordia, perdão para as suas culpas.

Diziam, esses desgraçados, no momento critico e dizem ainda hoje que fôra o snr. Francisco de Castro Mattoso Corte-Real, irmão do snr. José Luciano, quem os mandara perpetrar os crimes a nos nossos n.ºs anteriores nos termos referido; e que, sómente escudados n'esse cavalheiro, arremettiam contra tudo o que servia de obstaculo ao vencimento da eleição camararia.

Culpado, pelos seus agentes, como o fautor das primeiras arruaças, trilhado uma vez o caminho das violencias, era forçoso ao snr. Mattoso proseguir até alcançar a victoria almejada para que o ministerio, a quem pedia carta branca para o nosso concelho, o não repellisse como intrujão vulgar: era preciso dar aos arruaçeiros as ordens mais precisas, mais terminantes até se exgotarem todos os meios ainda os mais selvagens, ainda os mais asquerosos afim de aniquillar a opposição muito superior em numero.

Foi por isso que nos 5 domingos anteriores ao da eleição vieram para as praças publicas os caceteiros espancar os cidadãos inertes que estavam fazendo as suas compras ordinarias: foi por isso que esses mesmos arruaçeiros, temendo um desforço violento da parte do povo traziam a tropa atraz d'elles a guardar-lhes as costas ao mesmo tempo que espancavam: foi por isso que se fizeram esperas e se cercaram casas onde os da opposição se reuniam: foi por isso que se despedaçaram as janellas e arrombaram as portas dos cidadãos; foi por isso que se levantaram as forcas.

O snr. Mattoso tinha a sua honra empenhada nas eleições d'Ovar; queria vencer a todo o custo para que o ministerio o attendesse nos despachos e alem d'isso para se vingar d'um homem a quem odiava e d'outro que não

tinha cedido às suas imposições.

Ninguém acreditava que o grupo limonada podesse vencer, mas o snr. Mattoso promettia esse vencimento, exigindo medidas extraordinarias.

Mas um homem só não podia engendrar tantos crimes, não podia prever que tinha gente para tudo, apta para o ataque, digna de figurar nos registros das penitenciaras, para isso lá estava o acolyto P.º Carril, o homem que apenas serve para os arranjos.

O P.º Carril figurou por muito tempo na politica do nosso concelho. Todos sabem por ahi o que elle valia. Todos sabem os serviços que elle prestou á causa. E contudo elle apresentava-se em Lisboa como o chefe do partido em que elle era uma nullidade, como se apresenta hoje como chefe das nullidades que por ahi enxameam á espera d'um emprego na camara, d'um bocado dos bens municipaes.

P.º Carril era então, como hoje é, um padre de salla, tão bem descripto pelo eminente escriptor e fino critico Ramalho Ortigão. Vazio de ideas, d'uma apparencia boa, introduz-se pelas casas, procura captar o bom agrado das pessoas e... lá vae vivendo. E' este o homem que, servindo d'oraculo ao snr. Mattoso, está dirigindo o grupo limonada d'Ovar e o vae servindo nas suas pretensões.

Devem-se a estes dous mandões as arruaças e tudo o mais que esse grupo nefasto, criminoso, selvagem, está praticando todos os dias esquecendo-se de que a lei vella pelos offendidos, que o castigo hade chegar mais breve do que pensam.

Na liquidação das responsabilidades, dissemos nós no nosso primeiro numero, teremos de avaliar personalidades quando os seus actos pertencam á communitade e influam n'ella o bastante para a dirigir n'um sentido determinado.

Eis, pois, a razão de hoje nos referir-mos a dous homens, que na nossa politica tão desastrosamente estão influenciando, pervertendo caracteres, lançando a sociedade no charco das torpezas e crimes.

Havemos de ir pouco e pouco escarpellando esses desastrosos acontecimentos que enluctaram o nosso concelho. Roma não se fez n'um dia, e a nossa historia é longa demais para a expormos d'uma só vez.

LETRAS E LERIAS

RISCOS

Os argumentos de Placo II—A proccissão dos fogueteiros—O cofre é grande e pode com tudo. Os grandes proprietarios.

Montava no cavallorio avermelhado. Inchado ia trotando vagorosamente por entre a charneca opaca.

O vento zumzunando atravez da rama espessa de cor verde-negra punha uma nota triste em toda a paisagem. O coração de Placo II confrangia-se á proporção que a distancia se tornava menor. Ao cerebro vasio não occorria a mais pequena idea e contudo lá, no sitio indicado para a grande reunião eleitoral, havia de estar muito povo, muita gente sequiosa de ouvir as palavras do orador, do grande tribuno de meia tigela.

Era preciso architectar um plano, era preciso dizer duas lérias áquelles basbaques: mas ellas não occorriam.

Placo II é o cavallorio iam trotando e a charneca de rama verde-negra já tinha ficado muito ao longe. O vento corria agora desabridamente por sobre os campos tapetados de verdejante relva, e ao abrigo, por detraz dos bens fechados comoros os passaros iam trinando cantigas melodiosas. Elle arrepelava-se; puchava amiudadas vezes pelos cabellos alourados e nem uma idea vulgar, réles, lhe acudia.

Decidamente estava tapado como uma bota—pensava.

O trote continuava compassadamente. Ouvia-se já um pequeno sussurro de vozes, que denunciava a aproximação d'uma feira. O cavallorio já suado esturgira um pouco mais o passo e ao chegar ao aido d'uma grande cerca, ouvira distinctamente uma voz—então não vem vinho?

Oh que grande idea! Vou já mandar buscar uma pipa, isto salva-me de mais de apertos—ruminou.

D'ahi a momentos entrava na cerca o Placo II, trazendo uma pipa ao lado n'um carro, dous saccos de castanhas e meia duzia de canastras cheias de trigo.

Então um dos do bando soltou um viva imponente, onde a convicção se mostrava bem—viva o vinho e o pão mulete! E todo o grupo *una voce* respondeu *viva!*

Era bello ver aquelle devorar espantoso, cheio de convincentes opiniões politicas.

Ao lado ficava o Placo II montado no seu cavallorio avermelhado, pensando na triste figura que estava fazendo.

Como estes basbaques são comedores! mas o que vale é que a mim não me comem 5 reis, quem quizer que pague a despeza que eu não são tão tolo que vá largar o que pode servir para outras cousas—ruminava.

Quem sabe o que a essa hora o Berlengas, o triste Berlengas pensava em que teria de aguentar com toda a carga, porque o dinheiro não sabe do cofre sem os competentes mandados.

—O' snr, ex-1.º substituto de nos ao menos metade, por conta do fogo.

— Não pode ser; não tenho dinheiro. Ora vocês não sabem ir ter com o Placo II para que elle lhes pague a conta.

— Mas nós não queremos cá saber d'isso, foi você quem nos encommendou, e é você quem nós hade pagar.

A parte— Ora esta, eu que devo tratar da minha vida, ando agora a aturar esta gente. Pois meus amigos, eu não sei d'isso, vão ter com o Placo que foi elle quem mandou encommendar, eu agora tenho fazer. E demais a mais vocês vem ao domingo...

— Pois bem, os srs. não pagam!... Ainda não de saber com quem se metteram, nós ainda vamos a casa do tal, mas se elle não pagar, não queremos saber de mais.

E ahí vão todos os fogueteiros em magna procissão, esconjurando tudo, dizendo mal dos limonadas que lhes não queriam pagar os foguetes que estalaram por espaço de alguns dias.

Os pobres homens queriam dinheiro e não havia meio de havel-o. Decididamente iam fazer tolice agora para a casa do Placo.

Entretanto o 1.º ex-substituto ficou agourando mal da vida dos fogueteiros esfomeados.

— Diabo se elles para lá vão fazer tolice, são capazes de ameaçar e depois lá fico eu em má posição e elles não me entregam o dinheiro a que se comprometeram para o dia 6—pensava.

Ainda os fogueteiros não tinham chegado e já o ex-1.º substituto lá estava. Esperou e elles vieram.

— Então que querem? perguntou.

— Queremos o nosso dinheiro, ou ao menos ametade, porque vem o Natal e nós precisamos d'elle.

— Homens, então eu já lhes não disse que se fossem embora e viessem outro dia!

— Nada, nós já por aqui andamos botados há uns poucos de dias e ainda não vimos cruzes ao dinheiro.

Nesta attura appareceu, Placo II e disse—vós sois todos uns burros, mas não ha duvida, eu pagô tudo, logo que o cofre venha para nós.

Os fogueteiros tiveram medo de serem espancados pela turba que se achava perto e por isso lá se foram não sem ir dizendo—então só depois do cofre vir para as mãos d'elles é que pagam, logo se vê que o que por alli ha é muita fome: bem nos diziam uns certos sujeitos...

A procissão dos fogueteiros promete continuar.

Quem paga aos fogueteiros? o cofre.

Quem paga á musica? o cofre.

Quem paga o vinho? o cofre.

Quem paga aos padeiros? o cofre.

Quem paga aos vadios? o cofre.

Quem paga as policias? o cofre.

Quem paga as bombas? o cofre.

Quem paga as contribuições municipaes aos limonadas? o cofre.

O cofre instituição maravilhosa, unica, salvaterio e refugio de muitos calotes, amparo de muitos vadios, o cofre seria tudo, se não fosse ter de passar para o recebedor, uma entidade ingrata, incomprehensivel que não dá sem que venha o mandado.

Que pena! O que o cofre seria

se não olhasse por elle a lei representada aos recebedores! Os foguetes, a musica, o vinho, o pão, a vadiagem, as policias, as bombas, os atrazos nos pagamentos etc, redobriariam corte todos os dias.

O cofre ha-de pagar tudo porque não ha remedio para isso. Mas como o Berlengas terá de andar sempre sobre brazas!

Não é porque a consciencia, tenha d'accusar, não, ella é elastica em demasia para poder supportar tudo. E' o medo da cadeia que...

O cofre ha-de pagar, é necessario e imprescindivel á politica limonada.

A Estrumada é o vasto campo para onde olham os influentes. Elles pobres diabos, viciam ha pouco como vivem hoje sem um palmo de terra.

A Estrumada é larga e enorme e aquelles pinheiros altos, esguios, como estandartes de revolta contra a anarchia que lavra por entre o povileu pacato, aguçam a cubiça dos potentados.

E elles nas suas furias, nos seus ataques de loucura já pensaram em pedir indemnizações pelos serviços prestados a uma causa perdida.

A retaliação vem quando o machado destruidor bater compassadamente nos troncos dos pinheiros altos, esguios, levantados alli como estandarte de revolta, o povo os sentirá como golpes de punhal abertos na nossa riqueza conselhada. E' que os espancadores em vez de derrubar homens precisarão de derrubar pinheiros, em vez de crimes precisam de dinheiro.

E depois d'isto, quando nos cofres particulares já houver bastante dinheiro, elles irão arrematar, fingir que compram maninhos, grandes partidas de matta para se poderem apresentar como grandes proprietarios.

Para alem de Carregal apparecerão grandes quintas muradas pelos modernos mestres d'obras, de casas feitas com madeiras da Estrumada, sem que o cofre tenha recebido um centil.

E' que esses modernos proprietarios terão recebido bem as lições do homem da palha, o inclyto fornecedor.

Os exemplos aproveitarão, mas o peor será a distribuição da presa. Os grandes proprietarios, lançando-se uns aos outros darão o espectáculo mais edificante dos modernos tempo em que as eleições são um vivo exemplo das rugas dos selvagens Berlengas d'outras eras.

Ismael.



AS FORCAS

Por mais que digam não conseguem tirar ás forcas o cunho que os limonadas lhes imprimiram no momento da exaltação.

Essa nodoa vergonhosissima ficara sempre vinculado ao grupo que cheio de sentimentos maus, impregnado do desejo de vingança a arremeção á honra e ao nome d'um concelho.

Nada os salvará. Descidaram-se uma vez e foram francos; denunciaram as suas intenções, e o povo ao conhecer a gente que, para vencer vna eleição, tinha assaltado o concelho, chorou de vergonha.

E' que a dignidade de todos nós ficou esfarrapada n'aquelles dous madeiros que nem sequer serviram para preencher o fim para que foram levantados—desacreditar as victimas dos odios dos cabeças.

Que importam as chufas, as risadas contrafeitas dos que tiveram um momento de fraqueza deixando transpirar os baixos sentimentos de que estavam possuidos? Os factos são o que são: nem o sophisma, nem o riso os podera desfazer.

As forcas são o calvario dos limonadas.

Depois de as levantar repellim-nas de si, como repellim muitos dos actos que praticaram. Arremessam o odioso d'umas e dos outros aos arruaceiros e vadios de que se cercaram quando todos sabem que esses desgraçados foram apenas victimas do vinho e do dinheiro que lhes deram.

E' a liquidação das responsabilidades que os apoquentá agora que passou o enthusismo.

Naturalmente os altos triumphos não mandaram tanto: não contaram com as explosões das consciencias dos homens de quem se serviram como instrumentos; e agora os ataques simples a desprezenciosos da imprensa perturba-os incommoda-os.

Elles queriam uma victoria e uma vingança dos homens que lhes serviam de estorvo aos seus planos politicos e mais nada. As vinganças pessoasas que os limonadas tinham a exercer sobre o povo que os odiava como um pae odeia os filhos espurios, para elles nada valiam, com ellas não contavam.

E' por isso que agora envolvidos com os ataques invectivavam talvez os limonadas seus instrumentos de levarem mais longe do que deviam as violencias eleitoraes.

Para vencer podiam fazer tudo, mas depois do vencimento não eram convenientes mais crimes. Tinha-se conseguido o fim não importa á custa de quantos sacrificios, de quanto sangue derramado; portanto para que forças? para que mais espancamentos? para que mais attentados?

Os altos triumphos não contavam com os instinctos malevolos do gentalha e veem-se hoje obrigados a vir defender actos que não mandaram praticar «a canalha encommoda-os» Era esta mesma a expressão que empregavam os grandes senhores ao terminar qualquer campanha feita em seu proveito e, quando satisfeitos os seus fins, mandavam desarmar o povo, sem tal conseguir. A canalha encommodava esses senhores como encommoda agora os triumphos, quando ella que stir toda as consequencias do procedimento a que a obrigaram.

Portanto as forcas foram uma consequencia dos mandados do triumphos e do genio e sentimentos da gentalha que hoje tripudia á sombra das auctoridades administrativas.



Novidades

Ignorancia?—Ha dias um basbaque limonada, passando proximo á igreja matriz d'esta freguezia e vendo as importantes obras que alli se estão fazendo, disse para uns dous individuos que

o acompanhavam.—depois que os limonadas foram para a camara já se anda arranjando a igreja.

E' preciso que o tal homensinho seja muito ignorante ou muito tolo para vér nas obras da Igreja a administração limonada. Sempre ha cada um por este mundo!

Os garotos de Vallega.—Foi assim que os de papel apelidaram os seus correligionarios politicos.

Dissemos nós que na lucta parochial só tinham entrado os limonadas. Pois bem, d'um lado como como cabeça do grupo principal estava o sr Valente ajudado pela rev.º abbade da freguezia ex.º sr. D. Manoel Marques Pires.

Esse grupo vencedor da eleição foi maltractado pelo outro que, seguindo nos dizem, tinha por chefe o regedor substituto, sr Veiga.

Chefe incontestado do antigo partido progressista d'este concelho, fora por muito tempo o sr abbade de Vallega, pois agora segundo nos parece, os cabeças limonadas nem se-quer o deixam ser chefe do partido na sua freguezia.

Julgava o digno abbade e o sr Valente que pelos importantes serviços que tinham prestado ao partido progressista d'Ovar estavam no direito de pedir a nomeação de regedor effectivo para a sua freguezia, mas qual! os cabeças não estão para lhes conferir semelhantes honrras. No grupo limonada, empalmeação do antigo partido progressista, não-de mandar elles e só elles.

E por isso vão apodando os correligionarios das freguezias, de garotos.

Os selvagens.—Ha dias quando o nosso amigo Gonçalo Maria de Resende vinha no enterro d'um neto do Perola um grupo de limonadas provocou-o e maltractou-o. Esta gente julga que por meio do terror evita que os offendidos procedam criminalmente contra os aggressores.

Enganam-se e haremos de provar-lho dentro em pouco.

Eleições da junta da parochia em S. Vicente.—

Dissemos n'um dos nossos numeros antecedentes que no dia em que em S. Vicente se procedia á eleição da junta da Parochia fora d'Ovar um grupo de caceteiros e provocara o digno abbade d'aquella freguezia na sua residencia e que teriam levado mais longe as suas proezas se o povo se não levantasse.

Agora porem, pessoa, que nos merece inteiro credito, affirmou-nos que tal se não dera. Que o grupo de limonadas composto de 14 ou 15 individuos se limitara a entrar n'uma tasca e ali ficara até passar um prestito funebre sem fazer provação alguma, e que depois se dirigira a casa d'um cavalleiro d'aquella freguezia e ahí estivera dando vivas.

Portant fica rectificada aquella noticia do modo seguinte—os limonadas foram, chegaram, beberam e deram vivas.

Correspondencia.—Ao sr. Caranguejo I. Veja se pode mandar *cousa* mais bem revista, mesmo sem os Traços.

Aquillo não se pode emendar assim como pensa.

O substituto do administrador.—Por mais que os limonadas procurem não encontram substituto á altura. Querem um concelho? nomeem substituto o ex-caixeiro que está mesmo nos casos, elle já em tempo prestou os seus serviços e por isso não admira que agora lhe deem o bastão de commando.

Os emigrantes.—Chegadas as festas do natal voltou a Ovar uma grande parte dos negociantes de sardinha que vivem espalhados pelas diferentes terras, que entre nós denominam, ainda que impropriamente, Douro.

E' importante o numero dos individuos que annualmente sahem d'Ovar a explorar esse ramo de negocio hoje infelizmente muito menos lucrativo do que ha annos, em virtude da grande facilidade de communicações. Antes da abertura do caminho de ferro eram os negociantes d'Ovar quem abasteciam as diferentes terras do Douro de sardinha que iam comprar á Povoia do Varzim, Espinho etc, mas agora aos mercados acode sardinha mandada directamente das praias do norte, estabelecendo-se a concorrência prejudicial aos nossos conterraneos.

Arrematação.—E' nos dias 27, 28 e 29 do corrente mez que será arrematada a contribuição conhecida por o nome de real da Barra.

Recrutamento.—Segunda, terça e quarta feira funcionou a Junta do apuramento dos mancebos recrutados. Dos apurados poucos assentaram praça por serem quasi todos remidos a dinheiro.

Falta de espaço.—Por absoluta falta de espaço não podemos publicar um folhetim em verso que nos enviaram, assim como não temos continuado o nosso antigo folhetim «Historia d'um rico.»

Alem d'isto temos de publicar logo que as circunstances o permitam o orçamento da camara municipal do anno findo para depois fazermos a comparação com os dos annos posteriores organizado sob a gerencia dos novos eleitos. Todas as affirmações que fizermos todas as accusações que tivermos de dirigir não de ser baseadas em documentos e as comparações não-de ser logicamente feitas.

Então haremos de provar se as previsões que até aqui temos feito se não-de ou não realizar. Diz o proverbio—pela aragem se vê quem vem na carruagem; e nós diremos: pelos precedentes podemos saber o que os homens farão.

Ao ver uma eleição levada a cacete escrevemos. *O Futuro do concelho*, veremos agora se o que ahí dissemos se realiza ou não.

Charivari.—Recebemos o n.º 8 d'este interessante semanario portuense.

A 1.ª pagina historia as barbas humanas desde o pae Adão até aos tempos de D. José. A pagina central em esplendido desenho, refere-se á aprovação do contrato do encanamento das aguas do rio Souza para a cidade do Porto, e ao mesmo tempo á nomeação do *Tambor-mor dos pequeninos* para um logar rendoso. Como figura dominante apparece o Porto exangne atravessado por um grosso cano.

Os limonadas em apertos.—Os musicos ainda não receberam o que lhes deve por irem tocar dous dias em beneficio de S. Berlengas, advogado das eleições roubadas a cacete.

Pagai á musica, limonadas! Os fogueteiros ainda não receberam o dinheiro do fogo que estoirou uns poucos de dias em honra do S. Berlengas advogado das eleições roubadas a cacete.

Pagai aos fogueteiros, limonadas!

Os vendeiros de Cortegãça ainda não receberam o imposto do

lhecária que Manoel Leite, mulher e outros do lugar da Aldeia movem contra Antonio Soares Leite e mulher do lugar do Monte, todos da freguezia d'Arada vai á praça para ser arrematada a quem mais offerrecer—Uma terra lavradia sita no lugar do Monte, freguezia d'Arada, foreira a D. Clara Leonor da Cunha Sotto-Maior Pacheco Pereira Pamplona, do Porto, a quem paga de fóro annual 25,50 de trigo e uma galinha, avaliada em 304\$480 rs.

E por este são citados quaesquer credores incertos dos executados para uzarem querendo, dos seus direitos.

Ovar 1 de dezembro de 1886.

Verifiquei,

O Escrivão, Brochado.

Antonio dos Santos Sobreira.

(42)

ANNUNCIOS

Vende-se

Uma casa alta, situada na rua da Graça (Pontes) d'esta Villa d'Ovar.

Tem poço e quintal, bastantes commodos, boa armação para loja e já afreguezada.

Para tratar na mesma n.º 3, 4 e 5.

OVAR 4

As pessoas quebradas

Com o uso d'alguns dias do milagroso emplasto antiphelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplasto tem sido applicado em 35:540 pessoas e ainda não fallhou.—Preço 1\$500 reis.

Balsamo sedativo de Raspail

Remedio para a cura completa do rheumatismo, nervoso, gottoso, articular, dores de cabeça, pontadas, contusões e amolecimento da espinha dorsal. Frouxidão de nervos, fraqueza de musculos, golpes e toda a qualidade de dor ou inflação: usa-se externamente em icções.—Preço do frasco 1\$200 reis.

Contra os Callos

Unico remedio que os faz cair em 12 horas.—Preço da caixa 400 reis.

Molestia de pelle

Pomada Styrcia, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle, as empigens, nodoas, borbullhas, comichão, dartros, herpes lepra, panno, sardas, etc., etc.—Preço da caixa 600 reis.

Injecção Gueinp

E' esta a unica injecção, que, sem damno, cura em 3 dias as purgações ainda as mais rebeldes.—Preço do frasco 1\$000 reis.

Crema das damas

Torna rapidamente a pelle cara e macia, dissipa as sardas, tez crestadas, nodoas, borbullhas, rosto sarabulhento, rugas, encobre os signaes das bexigas.—Preço do frasco 1\$200 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cégo, 15, á Praça das Flores—Lisboa. 20

RODRIGO VALENTE DA SILVA com estabelecimento de mercearia, fazendas, vinhos, tabacos, ferragens, tintas, vidraça, molduras e miudezas em

S. JOÃO DE VALLEGA 9

LIVRO sacro ou curso de doutrina christã, approved, para uso das escholas, pelo ex.º e rev.º sr. Cardeal Bispo do Porto, coordenado por Francisco d'Assis Pinheiro.

A' venda—Livraria editora—Cruz Montinho, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto. 9

A VENDA

NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO

Um vol. 200

Pelo correio. . . 220

LIVRARIA CHARDON CLERIGOS, 96

Francisco Peixoto Pinto Ferreira com estabelecimento de ferragens, tintas, mercearia, tabacos, molduras e miudezas.

PONTES

21

Nossa Senhora de Paris por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAWEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehendedentes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e inunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o exc.º sr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.º, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanais de 32 paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceptam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceptam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR

4, Rua de Santo Ildefonso, 4

PORTO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A DIFFAMAÇÃO DOS LIVREIROS

SUCCESSORES DE

ERNESTO CHARDON

(Opusculo a proposito do arresto feito pela firma Lugan & Gonellouc. successores de Ernesto Chardon, á edição do livro BOHEMIA DO ESPIRITO, editado por Eduardo da Costa Santos).

A' venda na Livraria Civilização, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6, e nas principaes de todas as terras do reino e ilhas.—Preço, 150 reis, pelo correio 160.

Codigo Administrativo

Approved por Decreto de 17 de Julho de 1886

Com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicada até hoje, incluindo o

Regulamento do Processo Administrativo

e UM COPIOSO

REPERTORIO ALPHABETICO

Preço... 200 reis

(Pelo correio, franco de porte a quem enviar e sua importancia em estampilhas)

A' venda na Livraria—CRUZ COUTINHO—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

PHARMACIA—SILVEIRA

Isaac Julio da Silveira, pharmaceutico approved pela escola medico-cirurgica do Porto.

PONTES

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE OVAR

(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho concernente á sua arte, a toda qualquer cor, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornais, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhetas.

Preços o mais rasoaveis possiveis